

Ananke digital e a *práxis* de Tykhe: uma resposta humana ao determinismo da IA¹

Urbano Nobre Nojosa²

Felipe Ferreira Neves³

Resumo expandido Painel Temático

A discussão acerca da inteligência artificial (IA) desdobra-se em uma complexa malha de saberes, cujo entrelaçamento permite uma análise contemporânea de sua inovação. Ao se consolidar como um dispositivo informacional chave na história, a IA provocou um alargamento conceitual e paradigmático em diversas áreas do conhecimento — notadamente na matemática, lógica, linguística, semiótica, artes e ciências da computação. Tal transformação estende-se para além do campo técnico, influenciando os parâmetros cognitivos e levantando imperativos éticos e morais tanto na esfera cotidiana quanto no âmbito da comunicação social.

O presente resumo parte de uma investigação maior sobre a IA e suas mediações nos processos tecno-informacionais da linguagem e comunicação. Propõe-se, fundamentalmente, examinar o tensionamento entre a singularidade do acaso, concebido como acontecimento (Tykhe) e a lógica computacional intrínseca à programação generativa. Analisa-se, portanto, como essa dicotomia se manifesta na modulação de dados realizada por tecnologias de *Big Data* e *Deep Learning*.

A *práxis* humana, confrontada com a contingência dos acontecimentos, demanda uma agência inventiva. Essa capacidade de ação não se resume a uma mera reação, mas implica a

¹ Trabalho apresentado no Eixo Temático 19 – Literacias de Mídia e Informação do XVIII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura. Faculdade Cáspier Líbero – FCL, realizado nos dias 11 a 13 de novembro de 2025.

² Doutor em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), urbanojosa@pucsp.br

³ Pós-doutorando em Tecnologias da Inteligência e Design Digital, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), felipe.neves170@gmail.com

continua articulação entre distintas esferas normativas — como a moral, a ética, a política e a religião — a fim de se estabelecer um equilíbrio pragmático para a manutenção da vida cotidiana.

Quando olhamos para a tradição filosófica da Grécia Antiga, a vida contemplativa (*bios theoretikos*) era concebida como uma existência voltada à verdade e à felicidade, atividades intrínsecas ao intelecto e distintas da vida prática (*praxis*) do cotidiano. No entanto, mesmo as atividades práticas que almejam um *telos* — uma finalidade orientada pela razão — possuem um caráter de *práxis*. Aristóteles eleva a vida contemplativa a um patamar superior, associando-a ao *primum movens*, a primeira causa não causada. Em sua metafísica, este princípio é o pilar para uma vida de beleza e perfeição, realizada na autocontemplação do intelecto ativo. Tal primazia da atividade intelectual fundamenta-se em sua cosmovisão do “motor imóvel” (Aristóteles, 2001; 2009), vislumbrando a existência de “um ser imortal e imutável, responsável por toda a integridade e ordem no mundo sensível”. É precisamente essa supremacia do intelecto puro, de herança aristotélica, que ressurge e se torna central no debate ontológico contemporâneo sobre a IA.

A proposta de investigar o caráter metafísico da IA convoca-se ao resgate do debate platônico sobre a linguagem como *pharmakon*, conforme articulado no diálogo *Fedro*. A natureza intrinsecamente ambivalente deste conceito — que denota simultaneamente remédio, veneno e cosmético — oferece um arcabouço teórico para uma análise crítica dos impactos desse dispositivo tecnoinformacional. Essa perspectiva exige que o debate se afaste de posições ingênuas ou extremistas, evitando tanto a adesão a um otimismo tecnológico desmedido quanto a capitulação a um ceticismo de viés catastrófico.

A IA representa, no cenário atual, o apogeu do projeto moderno de racionalidade instrumental. Sua evolução, particularmente através do aprendizado de máquina, deslocou seu estatuto de simples ferramenta para o de um sistema dotado de capacidades de decisão, aprendizado e criação. Essa transformação paradigmática impõe uma reflexão crítica sobre a autonomia delegada a esses sistemas, a justiça e a transparência algorítmica e, fundamentalmente, sobre a reconfiguração do conceito de humano. A IA desafia a definição clássica de *zoon logikon*, ao emular e executar tarefas que historicamente serviram para demarcar a exclusividade da razão humana.

Se a razão foi historicamente concebida como o pilar da excepcionalidade humana e o fundamento da *aretē* (virtude) e da ação ética, a sua replicação em máquinas desestabiliza essa distinção fundamental. Conforme adverte Coeckelbergh (2023, p. 18) “entramos em uma Segunda Era da Máquina, em que as máquinas não apenas complementam os seres humanos, como na Revolução Industrial, mas também os substituem”. Nesse novo paradigma, a razão técnica — uma racionalidade desencarnada, desprovida de afetos e experiências — ascende como modelo dominante de eficiência. Em substituição ao sujeito que pensa, sente e delibera com base em valores, emergem sistemas automatizados (algoritmos) cuja operação se restringe ao cálculo, à previsão e à busca incessante pela otimização.

O debate em torno da Inteligência Artificial Geral (AGI) reacende temores existenciais sobre a superação da inteligência humana por sistemas artificiais. De acordo com Matias (2024), uma pesquisa conduzida em Stanford revelou que os recentes avanços apontam para uma AGI iminente. Os modelos de linguagens os LLMs ou Large Language Model (Modelo de Linguagem Grande) como o novo Chat GPT-5, por exemplo, já são considerados por alguns pesquisadores como uma forma inicial ou um vislumbre dessa superinteligência. Essa possibilidade impõe desafios filosóficos urgentes: como preservar a autonomia humana diante de sistemas que não apenas executam tarefas, mas interpretam, criam e decidem? A AGI ameaça dissolver a linha entre sujeito e objeto técnico, exigindo um novo paradigma de pensamento para lidar com sua emergência que revela um paradoxo contemporâneo: quanto mais sofisticamos as máquinas, mais perdemos a certeza de controlá-las. O sonho moderno do domínio técnico cede lugar ao pesadelo pós-humano da autonomia incontrolável.

Conforme noticiado por Capozzi (2024), o emprego de sistemas de armas letais autônomas na guerra da Ucrânia representa a travessia de um limiar tecnomilitar: a transferência do gesto bélico à máquina. Operando sem intervenção humana direta na cadeia de decisão — da identificação do alvo à sua neutralização —, esses sistemas dissolvem a mediação da consciência ética. A técnica, aqui, não apenas potencializa a destruição, mas a reconfigura como um processo automatizado e desumanizado, no qual a ação letal é transmutada de um imperativo de deliberação para um cálculo de eficiência algorítmica. A principal consequência é a erosão dos fundamentos éticos que, historicamente, balizam o exercício da violência.

A campanha *Stop Killer Robots* constitui uma das principais iniciativas internacionais que advoga pela proibição de armas autônomas letais. Congregando organizações da sociedade civil, pesquisadores e juristas, o movimento articula uma denúncia contra o vácuo ético instaurado por sistemas que autonomizam decisões sobre a vida e a morte. Ao exigir a manutenção de um “controle humano significativo” sobre tais operações críticas, a campanha alinha-se a uma tradição ética que repudia a desumanização automatizada. Sua crítica transcende uma mera tecnofobia, propondo, ao contrário, uma abordagem regulatória que reafirme a soberania humana na tomada de decisões cruciais. Trata-se, em essência, de uma ação política que demanda a subordinação da técnica a marcos éticos e jurídicos, assegurando a primazia do juízo humano sobre o cálculo algorítmico. A existência dessa mobilização corrobora a tese de que a IA não é uma questão puramente de engenharia, mas um problema filosófico, ético e político de primeira ordem.

No âmbito da cultura, a produção de obras literárias de sucesso por meio de IA, noticiada pela BBC Brasil (2024), precipita uma crise nos conceitos de autor e originalidade. Sistemas de linguagem artificial (LLMs) são capazes de emular estruturas e vocabulários humanos com tal proficiência que seus textos se tornam indistinguíveis da produção humana, ainda que careçam de um fundamento na subjetividade e na intenção estética. Longe de ser uma vanguarda expressiva, a IA literária opera sob a égide da previsibilidade, otimizando fórmulas de sucesso e adequando a linguagem às demandas do mercado. Assiste-se, assim, à substituição da criação genuína pela simulação estatística da originalidade, um processo que acarreta a diluição da autoria e ameaça a própria substância do gesto artístico.

A decisão da Netflix de incorporar novas ferramentas de IA, conforme relatado pelo Correio Braziliense (2025), insere-se na lógica dominante do entretenimento digital, que utiliza dados de forma intensiva para modelar experiências de consumo. Embora a justificativa oficial seja a melhoria dos sistemas de recomendação, o processo subjacente envolve uma complexa engenharia de dados. A análise de métricas comportamentais — do tempo de tela às microrreações emocionais — permite que os algoritmos operem como moduladores da subjetividade e da atenção. Em vez de meramente responder a gostos preexistentes, essas plataformas passam a induzir e a formar preferências, transformando o espectador em um ativo informacional. Sob a aparência de personalização, consolida-se um mecanismo de controle cultural e econômico

baseado na vigilância silenciosa, cujo paradigma tende a se expandir para outros campos, como o da indústria editorial.

Palavras-chave

Inteligência artificial; Tykhe; acontecimento; linguagem; ética.

Referências

ARISTÓTELES. **Física I-II**. Edição bilíngue. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

ARISTÓTELES. **Metafísica de Aristóteles II**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

BBC BRASIL. Livro best-seller escrito com IA levanta debate sobre autoria. **BBC News Brasil**, 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/crm7841yxp7o>. Acesso em: 15 out. 2025.

CAPOZZI, Bruna. Robôs assassinos alimentados por IA estão em uso na guerra da Ucrânia. **Olhar Digital**, 3 jul. 2024. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2024/07/03/pro/robos-assassinos-alimentados-por-ia-estao-em-uso-na-guerra-da-ucrania/>. Acesso em: 15 out. 2025.

COECKELBERGH, Mark. **Ética na inteligência artificial**. Lisboa: Edições 70, 2023.

CORREIO BRASILIENSE. Netflix vai começar a usar IA em nova funcionalidade. **Correio Braziliense**, 2025. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/cbradar/netflix-vai-comecar-a-usar-ia-em-nova-funcionalidade-veja-detalhes/>. Acesso em: 15 out. 2025.

MATIAS, Eduardo F. Quem tem medo da IA geral? **Época Negócios**, 2 maio 2024. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/colunas/na-fronteir/coluna/2024/05/quem-tem-medo-da-ia-geral.ghml>. Acesso em: 15 out. 2025.